



TRIBUNA Livre

10
SETEMBRO
1960

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

SÁ DE MIRANDA

Tema de uma conferência proferida na Academia Portuguesa de Ex-Libris, na comemoração do quarto centenário da morte do Poeta

N. da R. — Por ter sido salteado o texto na 1.ª pág. do último n.º, repete-se no todo e na sequência.

Tem-se insistido em semear de interrogações e dúvidas certos passos da sua vida e por vezes da sua obra, ao procurar descobrir numa porventura as razões de quaisquer movimentos da outra.

Se em meio das suas tarefas literárias ou preocupações domésticas e agrícolas, e não se prejudicaram umas às outras, como alguns críticos querem fazer crer, antes favoreceram a natureza da sua obra poética imortal, Sá de Miranda tivesse presente que, do dia em que nasceu àquele em que morreu, as voltas que deu os caminhos que seguiu viriam a ser motivo de tanta devassa, de tão aturadas lucubrações, a interessar assim os domínios da Literatura, decerto tê-las-ia poupado à custa de mais completos esclarecimentos de sua pessoa.

Não residiu nele o espírito da celebridade presente nem futura, é exactamente uma das mais notáveis características da sua vida e da sua obra onde se colhe a melhor prova de abdi-

cação de si mesmo, a lição do recolhimento do grande mundo do seu tempo, de tal modo que o levou a guiar firmemente os seus destinos e da família, que havia de constituir, até esse eremitério longínquo da Tapada, Entre-Homem e Cávado.

Mas os protestos e sentimentos de admiração e respeito, que de maneira tão espontânea se levantaram da opinião comum e de modo mais evidente da parte dos seus melhores continuadores e discípulos, logo mostraram que a figura do insigne mestre do Renascimento literário em Portugal adquiria extraordinária grandeza.

Começadas a imprimir já em 1559, a primeira edição das Poesias de Sá de Miranda fez-se em 1595 por determinação de D. Jerónimo de Castro, que possuía um autógrafo do poeta da Tapada e o submeteu antecipadamente a prova de autenticidade pelo Juízo ordinário na cidade de Braga, a 1 de Janeiro desse mesmo ano, ao tempo do arcebispo D. Frei Agostinho de Jesus ou de Castro, bispo do dito D. Jerónimo.

A segunda edição, em 1614, esta foi acompanhada de uma primeira biografia do poeta,

considerada de autor anónimo, mas que, segundo informa o marquês de Montebelo a pag. 199 do seu *Memorial*, parece ter sido escrita por Gomes Machado de Azevedo, sobrinho de D. Briolanja, por ser filho natural de seu irmão Bernardim Machado. Mais diz que a escrevera a pedido de Gonçalo Coutinho.

Mas onde a proximidade e quase presença das pessoas e dos acontecimentos ou fontes de informação podiam ter contribuído para a organização de um fiel repositório de verdades e exactidões, certamente porque mais se facilitou, é que aí se tem ido deparar com os primeiros embaraços para uma mais rigorosa, e completa reconstituição da vida e obra de Sá de Miranda.

Filho do cônego Gonçalo Mendes de Sá, da sé de Coimbra, e de D. Inês de Melo, mulher solteira e nobre, quatro

(Continua na 2.ª página)

É uma verdade amarga...

mas é preciso dizê-la

O desastre é, por vezes, mera consequência de circunstâncias fortuitas. A telha que cai do quinto andar pode, ou não, apanhar o transeunte, mas o certo é que não cairia se estivesse bem segura. Mas, como a capacidade de resistência da telha não é ilimitada, cairá, apesar de tudo se sobre ela passar o furacão demolidor. É o imprevisível, contra o qual só se pode muito, depois dele nos ter indicado os nossos pontos fracos, porque, até contra o imprevisível se pode lutar. Uma inundação, uma tempestade ou um incêndio, serão tão mais facilmente dominados quanto maior for a nossa capacidade para eliminar fraquezas. Qualquer pessoa pode estar à mercê de um contágio epidémico. No entanto, o organismo resiste muito mais se não estiver demasiadamente intoxicado. É por isso que uma alimentação sã e uma existência regrada são dois grandes factores na luta

do previdente contra o possível ataque patogénico.

Um automóvel, guiado por um louco, um pedante ou um insensato pode, num momento fatal, atirar connosco para o hospital ou até para o cemitério... basta que galgue o passeio e nos esmague contra as paredes do prédio vizinho.

No entanto, as possibilidades de atropelamento são muito maiores se formos nós os loucos, e pedante ou o insensato e nos pusermos a atravessar ruas sem as elementares precauções. E não é preciso senão um rápido segundo de descuido para que nos transformem num feixe de ossos quebrados e sem cura possível.

Já se sabe que há automobilistas que não deveriam ser autorizados a guiar e não deveriam sê-lo todos os que são suficientemente insensatos para pretenderem fazer da rua uma pista de corridas. Mas manda também a verdade que se

(Continua na 4.ª página)

REUNIÃO DO CONSELHO MUNICIPAL

Perante uma Câmara realizadora o problema que surge é o de saber como é possível fazer tanto

Um orçamento de 2.450 contos, com 1.529 contos para obras

Reuniu, na passada terça-feira, o Conselho Municipal, afim de apreciar o orçamento ordinário para 1961 e o plano de actividades da Câmara para esse ano.

Presidiu o sr. dr. Eduardo Gonçalves, presidente da Câmara, tendo a seu lado o sr. dr. António José da Costa, vice-presidente e o sr. Paulo Macedo, vereador encarregado do plano de obras. Presentes quase todos os conselheiros.

Vida Municipal

No próximo número publicaremos uma extensa e oportuna entrevista que nos foi concedida pela ilustre Câmara do nosso concelho e em que são tratados assuntos do maior interesse.

Para darmos uma ideia da grandeza do plano de actividades que a Câmara pretende levar a efeito diremos que o orçamento atinge uma quantia nunca igualada—2.430 contos—dos quais 1.529 contos são para obras a realizar num só ano. Como as receitas da Câmara não aumentaram fica-se na verdade embaraço ao ver-se a diferença entre o que está na iminência de se fazer e o pouco que se tem feito.

Daí a intervenção de alguns conselheiros que quiseram certificar-se das possibilidades de concretização o que lhes foi explicado ao mesmo tempo que lhe era garantido que salvo um caso ou outro em que factos inesperados surgissem todas as obras designadas seriam realizadas não perdendo a Câmara nenhuma das participações

pedidas e que das obras mencionadas tem já a promessa de que o Estado as comparticipará no ano que vem.

O sr. dr. Avelino Silva, achou demasiado o orçamento da electrificação de Bouro dizendo que aquela obra deveria custar 300 e tal contos. Foi explicado que o orçamento da electrificação de Bouro, Santa Marta e Goães e reforços da rede de Dornelas é de 837.000\$00 e que a Chenop gastará outro tanto na alta tensão. Que esta obra não pode deixar de ser assim cara pois a Câmara criou diferentes sub-ramais para servir lugares desviados dessas freguesias. O mesmo conselheiro pediu a receita ordinária e extraordinária da Câmara nos anos de 1957 e 1958, verificando que os totais são de 852.000\$00 e 902.000\$00 pa-

(Continua na 5.ª página)

Os Jornais a Crítica e o Analfabetismo

A imprensa tão útil num país, nem sempre tirá-mos dela o rendimento que a mesma poderia dar.

Há muitas pessoas que compram o jornal simplesmente para matar o tempo, vendo o Humorismo, fazendo palavras cruzadas etc; e quando encontram qualquer artigo que se relaciona com benefícios para um mundo melhor, passam à frente, ou se o leem é com um certo cinismo e desinteresse.

Eu sei e compreendo perfeitamente que estamos nuns dias em que o povo não sabe o que quer, tornando-se quase impossível às organizações responsáveis agradar e remediar todas as exigências do nosso povo, mas compriê-mos também que com um bocadinho de interesse e força de vontade, conseguiríamos muito mais!

Eu falo por enigmas, porque confesso, sinto já vergonha

de me basear declarado no mesmo caso que desde há tanto tempo venho envolvendo! Mas se me permitem, muito amavelmente eu pergunto:

O Edifício, Escolar de Caniçada?

É levantado em 1960?

O monumento nacional a Cristo Rei, em frente de Lisboa; levou menos tempo a erguer!...

Foi uma promessa dos Portugueses que com a colaboração de todos, justamente foi cumprida.

Pois a Escola de Caniçada foi também uma promessa já bastante antiga, que tenho a certeza que com a ajuda de todos, depressa seria cumprida também. Os caniçadenses, aguardam-na à cinco anos esperanças.

Eu confesso, gostaria que a estas minhas linhas fosse dis-

Continua na 4.ª página

SÁ DE MIRANDA

(Continuação da 1.ª página)

datas de nascimento lhe são até hoje apontadas por sucessivos biógrafos, cada qual o mais severo em suas considerações:

Abonada por «pessoas fidedignas que o conheceram e trataram» dá aquele primeiro autor «anónimo» a informação de que nasceu no mesmo dia em que el-Rei D. Manuel tomou posse do governo—27 de Outubro de 1493. Esta logo foi contrariada não só pela descoberta do respectivo auto de perfilhação e legitimação em 1490, mas ainda por se acharem já incluídas no Cancioneiro Geral, coligido e impresso em 1516, treze composições do futuro poeta da Tapada.

A data de 1485 é apresentada e justificada por Teófilo Braga, que diz ter o biógrafo tomado 95 por 85.

Fidelino de Figueiredo indica, sem quaisquer explicações, a de 1490.

Delfim Guimarães conclui que o biógrafo de Sá de Miranda confundiu a subida ao trono de D. Manuel com a de D. João II. É esta geralmente a mais aceite 31 de Agosto de 1481.

Informa o dito seu primeiro biográfico que, depois das primeiras letras estudou leis em sua própria terra.

Aqui mais uma vez é tido em erro, pois que, quando D. João III sucedeu a D. Manuel, já o Dr. Francisco de Sá de Miranda estava formando e a Universidade só depois, em 1537 foi transferida para Coimbra.

Há, no entanto, certa concordância de autores em que teria frequentado em Coimbra as aulas do mosteiro de Santa Cruz e depois as Escolas Gerais, em Lisboa, até obter o grau de Doutor, chegando a reger nas ditas Escolas Gerais algumas cadeiras.

Parte daí a sua aceitação e presença nos salões do Paço da Ribeira, a par de velhos trovadores palacianos.

A morte do pai, a quem tinha feito a vontade de cursar leis, liberta-lhe então as asas da poesia. Entre 1521 a 1526, rompe na sua conhecida peregrinação pela Espanha e Itália, onde tinha parentes e amigos que lhe facultaram a convivência com as mais gradas personagens do mundo literário do tempo: Victoria Colona, Sanazaro, Rucellai, Tolomei, Ariosto, Bembo, Giovanni e outros que andariam na corte poética destas figuras principais. Regressou dessa demorada e proveitosa digressão carregado dos fardos materiais que a avides da sua alma ansiosa de perfeição permitiu assimilar e reproduzir na grande Reforma das Letras Nacionais.

Colhida a imensa soma de novos conhecimentos, com que enriqueceu a sua cultura, precisava de ir amadurecê-los por esses montes e vergéis do Minho, verdadeira fonte de nacionalismos.

Mesmo assim, voltou aos

serões da corte, entusiasmo pela prática de novas formas líricas e dramáticas, a experimentar o seu efeito e sensação. Julga-se, esta seria a causa da manifesta má vontade de Gil Vicente expressa em certa referência aos *clérigos de Coimbra* e noutras alusões quase directas aos brios pessoais e familiares de Sá de Miranda:

Mais depressa começou a tomar-lhe a alma a indisposição. O culto da maledicência e da intriga estava na razão inversa do seu modo de ser, de agir e de pensar. Não lhe deveria ter sido difícil vencer-se de que só poderia realizar o seu plano longe desse ambiente. Sobre este e outros incidentes da vida palaciana, o seu ideal levava-o a caminhar por outras paragens libertas de estorvos, de armadilhas — pelos campos, pelos montes, pelos verdes prados...

Grandes cidades que vira, e outros não... o mundo tinha-o ele dentro de si mesmo. Um mundo de sabedoria e de filosofia moral, o que precisava era de despejá-lo sem atropelos e sem peias, como foi sempre a sua divisa, em relação a todos quantos se dirigiu em sua correspondência poética, desde o rei e os príncipes aos poetas e cortesãos, nunca teve lugar na sua obra o instinto da maledicência ou da insinuação caluniosa com que fora atingido. Sá de Miranda mostrou a todo o tempo que não era homem para gracejos nem truánices com coisas sérias. Criticou e censurou de cima a baixo na escala hierárquica a sociedade da época, por meio de palavras, expressões e ideias de sentido profundo, mas nunca promoveu escândalo ou ofensa.

É na obra e não no modo de ser do autor, que ela tão claramente representa, que os biógrafos de Miranda procuram descobrir as razões do seu abandono da Corte, do seu recolhimento no Minho.

Abriu precedência a tantas conjecturas e hipóteses, que se tem formulado, aquele dito seu primeiro biógrafo, ao dar como motivo dessa resolução do poeta uma passagem da égloga *Alexo: A la sombra daquel pino* que diz ter sido maldosamente explorada por seus inimigos, como sendo uma alusão a um poderoso valido de D. João III, e foi o conde de Castanheira, já então visado por outros satíricos que lhe atribuíam ascendência judaica numa avó chamada *Maria Pinheira*, e porque desse prepotente vedor de fazenda teria sido vítima Bernardim Ribeiro, desventurado amigo de Sá de Miranda.

Certamente pelas razões do estabelecimento do *Tribunal da Inquisição*, levantaram-se por este tempo certas formas de suspeita e denúncia da existência de sangue judeu mesmo em algumas famílias que gosavam de seus perga-

minhos de nobreza.

Teve-se como boa razão que *Faria e Sousa* anotou o *Nobiliário do Conde D. Pedro* para fazer desaparecer do primitivo *Livro das Linhagens* um certo *Ruy Capam* — tronco de muita fidalguia, a quem convinha que se acautelassem certas referências pouco lisonjeiras a respeito da pureza de sangue.

Os partidos dividiam-se. Pelo sobrenome de *Capão* queriam alguns dar a entender que o individuo tinha sido baptizado «de pé».

Montebelo Acode contra esta opinião, pretendendo provar por cópia de um epitáfio encontrado em S. Vicente de Fora, de Lisboa, que esse apelido era devido à sua naturalidade:

**HIC JACET RODERICUS CAPUANUS
FILIIUS FERDINANDI CAPUANI, IN
INSULA SICILIAE NATUS, ETC.**

acrescenta que possuía grandes riquezas, facto que a opinião contrária explorava como sendo mais um sinal de «ju-deísmo».

Considerando alguns, que estes referidos episódios não teriam servido de razão suficiente para que abandonasse a corte, outras se tem julgado descobrir à custa de repetidas interpretações de diversas passagens da sua obra.

O escandaloso casamento do Infante D. Fernando com D. Guiomar Coutinho, da Casa de Marialva, antes desposada a ocultas com D. João de Leucastre, duque de Aveiro e grande amigo do poeta, que lhe dedicou a égloga *Andrés* e nela procurava consolá-lo da traição amorosa. Também neste caso não consistiu a razão da sua retirada, pois que, quando foi escrita, depois de 1538, já Sá de Miranda residia havia muito tempo longe da corte. Quer dizer, onde poderia estar uma causa, já ela tinha produzido o seu efeito.

Julgam ainda outros descontinua-la no profundo desgosto sofrido com a morte de Célia, que seria D. Isabel Freire. Cada um, e a seu modo de ver, procura descobrir outras razões, como fossem o estabelecimento da Inquisição; a entrada da Companhia de Jesus; esse apregoador fanatismo de D. João III, que só existiu na fantasia dos historiadores modernos; a influência daquele sacrílego desacato do judeu inglês que calcou aos pés a hóstia consagrada e na presença da família real, referido em certa passagem da elegia à morte de D. João, tudo isto sem reparar que à data de qualquer destes acontecimentos já Sá de Miranda vivia lá longe, no seu voluntário retiro da terra minhota, a construir a sua mansão ideal — a Quinta da Tapada, o seu ninho concebido entre poesia e canseiras rurais.

No prefácio da última edição das obras completas de Sá de Miranda, o Prof. Ro-

drigues Lapa assevera, e muito bem, que «a vida e a obra do poeta constituem uma só peça. Que a obra define perfeitamente o homem».

Com efeito, nunca ela seria possível, se tais não fossem a natureza e o temperamento do seu autor e do meio em que se produziu.

Na carta ao rei, a quem porventura entendeu de dever dar satisfação do seu procedimento, depois de aludir a «uns gigantes de cem braços com que dão... aos que graça o rei alcançam e falam o que não devem... às graças más» onde de modo velado está realmente uma prova do ressentimento que perdurou na memória do poeta contra as picardias de Gil Vicente, logo a seguir Sá de Miranda revela-se inteiramente no que se chama seu autoretrato moral:

Homem dum só parecer,
dum só rosto e d'ua fé,
d'antes quebrar que volver,
outra cousa pode ser.
mas da corte homem não é.

Justificando-se em razões preambulares, acaba por declarar abertamente ao rei que a sua forte compleição moral, a extraordinária personalidade de que se reconhecia possuidor o inibia em absoluto de ser homem da corte—de D. João III ou de qualquer outro monarca e em quaisquer circunstâncias, de outro modo seria ofensa imperdoável a um soberano que o estimou e honrou com a mercê da comenda de Duas Igrejas junto ao Neiva e outras provas de muita consideração.

É que o génio poético de Sá de Miranda tinha de sentranhar-se em maravilhosas criações num ambiente sem nuvens nem sombras que lhe toldassem o sentido e o brilho. Das causas apontadas, umas vistas por ele, outras previstas até onde pode estender os seus olhares prescutadores de muitos sintomas da decadência que via avizinhar-se, algumas teriam corrido para a resolução que tomou. No entanto, Sá de Miranda tinha de viver verdadeiramente a sua obra, o seu bucolismo—ser pastor entre os pastores, guarda-cabras como a si próprio se chamava. Lavrador entre os lavradores; compartilhar com eles o seu idílio e receber-lhes a inspiração da sua obra poética. Sem a concorrência de todos esses pormenores, Sá de Miranda nunca seria a figura perfeita que nele achamos.

Há em meio e acima de todas as mencionadas razões um caso importante e até hoje inconsiderado, não obstante ser o que mais claramente transparece de toda a sua obra literária e concilia com o seu procedimento.

Não é bastante acertar nas razões que o afugentaram da corte e deixar de se averiguar

como se desenvolveu nele o amor á terra que buscou, atraído pelo viver simples do homem do campo, do lavrador que tanto exaltou em seus versos?

O desdém com que a nobreza palaciana olhava a fidalguia disseminada pela província, em seus velhos solares, agricultando suas terras, é dos factos correntes ao espírito da época. De «galegos» lhes era dado o trato especialmente aos de Entre-Minho e Douro. Isto vinha de longe. Já Fernão Lopes fez passar por galegos alguns morgados da província e a própria mãe de D. João de Boa Memória, circunstância que tem contribuído para dificultar a sua identificação.

Na «Vida de Manuel Machado de Azevedo» cunhado de Sá de Miranda, este tema tem o seu desenvolvimento e ilustração com um curioso episódio verificado na corte entre os de dentro e os de fora!

É ainda o mesmo MARQUÊS DE MONTEBELO que na BIOGRAFIA QUE escreveu de seu bisavô MANUEL MACHADO DE AZEVEDO dá acôrdo desse ambiente social da época, nestes termos:

«PENSAM alguns CAVALEIROS de Lisboa, onde há muitos de altos pensamentos e outros que pensam mal, em parecer-lhes que ali está cifrada toda a nobreza do Reino; e que por nascerem ali se lhes deve maior estimação, e conforme as províncias onde os demais nasceram lhes dão seus nomes, não dando esse aos de ENTRE-DOURO E MINHO, que chamam GALEGOS, sem respeitar o haver nascido nos pripeiros solares daquele Reino (da Galiza) onde tiveram princípio muitas e mui illustres e grandes Casas de Espanha e algumas das suas também, etc... pois pode ver-se que não há Rei nem grande príncipe na Europa que ENTRE-DOURO E MINHO não tenha algum avô.»

Porque saindo certa vez MANUEL MACHADO do aposento onde estava o infante D. LUIS (filho do 2.º matrimónio de D. Manuel e da rainha D. Maria, príncipe que deu provas de grande valor na tomada de TUNIS, empreendida por seu cunhado Carlos V) com o qual se havia demorado muito; entraram seguidamente outros cavaleiros, não tanto validos seus, para falar-lhe, a tempo que o dito infante disse para um moço de câmara:

Chama a Manuel Machado; Não entendeu bem o moço e, perguntando a quem havia de chamar, respondeu um dos tais cavaleiros (como causado de esperar): É o GALEGO!

—GALEGO? repetiu o infante.

É mais Português do que

Continua na 4.ª página

TRIBUNA do CONCELHO

Reunião Camarária Prozelo

Deliberações da Câmara Municipal

Correspondência

Ofícios

Do Instituto de Assistência aos Menores, Lisboa, comunicando que se encontra internado no Colégio dos Orfãos de S. Caetano em Braga, o menor José João da Costa, filho de Judite da Conceição da Costa, que residia com a avó Tereza Maria da Costa, no lugar de Passos, desta Vila.

Da Junta de Freguesia de Goães, informando que já se encontram no caminho do lugar da Costa, daquela freguesia, alguns materiais necessários à sua reparação.

Do Hospital de S. Marcos, de Braga, comunicando o internamento urgente dos seguintes doentes: Lucinda Soares, de Fiscal, Virgínia da Glória Machado, de Figueiredo.

Da Direcção Geral de Transportes Terrestres, comunicando que foi concedida licença a António de Sousa Peixoto, residente no lugar do Paço da freguesia de Lago, deste concelho para com o seu camião n.º PP-11-23, de marca Austin, efectuar serviços de aluguer num raio de acção de 30km.

Director de Urbanização do Distrito de Braga, desejando saber se já foi efectuado o concurso limitado previsto para a obra de construção da E. M. da Cova Freguesia de Rendufe à Ponte sobre o Rio Homem e em caso afirmativo pede que seja enviado aquela Direcção a respectiva documentação e ainda o Caderno de Encargos a observar na realização dos trabalhos.

De João Aparício de Oliveira, Prado-Vila-Verde, pedindo para que seja novamente consultado sobre os trabalhos a realizar na empreitada «construção do E. M. do lugar da Cova Freguesia de Rendufe à Ponte o Rio Homem» em virtude dos mesmos trabalhos sofrerem alteração e o requerente ter ficado em 2.º lugar na abertura de propostas já realizada.

Do Director Escolar do Distrito Escolar, Braga, informando o seguinte: 1.º O número de agentes de ensino primário que prestarão serviço neste concelho são 43 professores e 22 regentes; 2.º A importância necessária a cada um, para a aquisição de impressos são de 25\$00 para professores e 100\$00 para regentes; 3.º A importância necessária para expediente são de 60\$00 para professores e 40\$00 para regentes.

Do Director de Urbanização do Distrito de Braga, informando que a execução da obra beneficiação e pavimentação do C. M. que liga a E.N. 308 ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia não está prevista no Plano em vigor (II Plano de Fomento).

Do Hospital de S. Marcos, Braga, remetendo a factura da importância de 4.609\$50 respeitante ao tratamento de doentes pobres a cargo desta Câmara no mês de Julho findo.

Da Direcção Geral do Ensino Primário, enviando uma cópia do parecer prestado por aqueles Serviços que mereceu a concordância superior, sobre a ampliação para 4 salas de aula do edifício de duas salas existentes no núcleo de Feira Nova.

Do Engenheiro Alberto José Vale Rego Amorim, Braga, informando que na alteração na construção de muros de vedação na estrada municipal a construir entre o lugar da Cova Freguesia de Rendufe à Ponte o Rio Homem de alvenaria para perpeanos pequenos, há uma economia de cerca de 9.000\$00.

Da professora da Escola Masculina de Lago, informando que os telhados daquela Escola talvez necessitem de uma reparação; e pedindo que aquela escola seja abastecida de água.

Da Direcção Geral do Ensino Primário; Lisboa, perguntando se esta Câmara concorda com a ampliação do edifício escolar de 1 sala existente no núcleo de Sameiro da freguesia de Barreiros, para três salas, uma vez que o Plano prevê a construção de duas salas e estarem recenseadas 88 crianças.

Da freguesia de Barreiros, pedindo a reparação do caminho que vai do lugar de Além daquela freguesia ao lugar da Feira Velha, da freguesia de Carracedo.

Da Junta de Freguesia de Caldelas, remetendo o projecto relativos à estrada de Paranhos e arranjo do pavimento em calçada do caminho que vai da Igreja ao cemitério;

Da Junta de Freguesia de Amares, informando que não outras freguesias interessadas na reparação do caminho há de ir da escola Conde de Ferreira desta Vila, à Bouça dos cubos daquela freguesia, mas sim proprietários doutras freguesias que dele se utilizam e que são os seguintes: D. Lucília Angelina Dias Paredes, Carlos A. Correia da Costa, D. Luísa Josefina de Jesus Dias Leite, Duarte Maia, Dr. Eduardo Gonçalves, Adelino Pereira, Manuel da Silva, Augusto José de Magalhães, D. Lucília Marques Vilela.

(Continua no próximo número)

Festa de S.ta Filomena

Foi com o maior esplendor que decorreram as Festas de S.ta Filomena nesta freguesia, conforme publicamos no passado semanário.

Este ano as festividades foram as mais importantes e grandiosas que se realizaram até então, em virtude dos seus organizadores elevá-las a um nível muito superior ao dos anos transactos.

O recinto apresentava-se repleto de cor e alegria devido às belas e óptimas ornamentações que os briosos rapazes desta freguesia depois de muitos trabalhos, conseguiram apresentar.

A Procissão de velas realizada no Sábado, dia 3, decorreu conforme o previsto com o maior fervor e devoção. Foi assistida por muitos fieis que empunhando as suas velas davam testemunho bem alto de sua fé e amor a Deus. Após esta, houve um período de alegria e prazer terminando este por 3 sessões de fogo de artifício, podendo admirar-se nestas o máximo de arte em pirotecnica.

Domingo surge!... O sino toca alegremente, no ar estremejam foguetes e as pessoas mostram-se risonhas e bem dispostos manifestando as alegrias inexauríveis sentidas no seu íntimo.

Pelas 8 horas, na Igreja Paroquial dezenas de crianças com a alma cristalina, Candida e Augusto recebem aquele Jesus que disse um dia: «Deixai vir a mim as criancinhas».

As 11,30 foi celebrada pelo nosso reverendíssimo Pároco missa solene cantada a qual foi assistida por centenas de pessoas.

As 15 horas foi feito um magnífico e frutífero sermão pelo distinto e eloquente orador — R. mo Sr. Arcipreste. Seguidamente começa a deslizar a imponente procissão com anginhos e vistosos andores que a tornaram mais grandiosa e concorrida.

O bazar constituiu um

Continua na 4.ª página

ANIVERSÁRIO

Passa no próximo dia 14 do corrente, o aniversário natalício o nosso amigo senhor Alberto António Rodrigues da Silva, residente em Lisboa.

Seus irmãos oferecem-lhe um jantar em que tomarão parte inúmeras pessoas de família bem como sua futura esposa.

Muitas felicidades lhe desejam seus amigos e familiares.

GOÃES

Casamento

No pretérito dia 1 de Setembro no Santuário de Nossa Senhora do Sameiro, consorciaram-se a menina, Alice dos Santos Maia, filha dos Senhores, Duarte da Silva Fernandes Maia e Maria Celeste Soares dos Santos, com o Senhor Agostinho Joaquim Antunes, filho dos Senhores, Adelino António Antunes e Amé-

lia da Graça Rodrigues, estes do lugar da Corredoura e aqueles do lugar da Costa, abastados proprietários desta freguesia de Goães.

O casamento foi realizado com a presença de grande número de convidados entre os quais pessoas das melhores condições sociais da freguesia, dando subejas provas de estima para com as famílias dos noivos bem conhecidas e de estima.

A cerimónia religiosa foi ministrada pelo Rev. P.º Filinto Manuel da Silva Correia Peixoto, pároco em Calheiros, Ponte de Lima, que se deslocou até ao Magestoso Santuário a convite do noivo seu primo, que depois das cerimónias o Rev. P.º Filinto dirigiu aos noivos uma alucução sobre a responsabilidade matrimonial no amor mútuo conjugal como anjos, sofrendo as tribulações da vida que os espera, sempre com os olhos postos no Altíssimo para que o novo lar seja cheio de felicidades.

Foram padrinhos do acto o Ex. mo Senhor António da Silva Pinhão e sua Ex. ma esposa, D. Aurora de Jesus Fernandes da Silva Pinhão, aposentado de Finaças e proprietários da freguesia de Segude do concelho de Monção que com os seus dois filhinhos também se deslocaram até ao Sameiro a convite do noivo também seu primo.

Findo o acto foi servido um almoço na Pensão e Restaurante Central «Filha do Agueda» no Bom Jesus do Monte de quem é proprietário o nosso conterrâneo Senhor José da Silva e Sousa Vilela, que mereceu todas as nossas felicitações pelos bons serviços que prestou, sendo digno de registo. Bolo de Noivos que se agruparam todos os solteiros para o comerem debaixo do manto da noiva, mas este não albergava toda a gente moça voando pelo ar cobrindo-os assim a todos.

Voltando de novo ao seu lugar, começaram a servir-se do mesmo bolo todos os convidados acompanhado pela champagne e brindou o Ex. mo Senhor

Continua na 5.ª página

Batizado elegante

Realizou-se no passado sábado, dia 3 do corrente na Igreja Matriz de Carracedo, o batizado do menino Américo José de Barros filho do Ex. mo Sr. Luiz José de Barros e da Sra. D. Maria Olinda Esteves da Silva Barros.

Foram padrinhos o Senhor Américo Dias Pizão e sua esposa Sra. D. Luzia Pisão.

Tribuna Livre deseja a todos muitas felicidades.

F. V.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — a snra. D. Almerinda dos Prazeres Fernandes.

Amanhã — o snr. Alberto Leite Ramos de Azevedo.

Dia 14 — o senhor Dr. Frederico Sotiro Serrão.

Dia 17 — os Senhores Arnaldo da Silva Tomé e Manuel Gonçalves Leite.

* * *

Passou ontem o aniversário natalício da Snra. D. Dalila Fernandes Antunes, que se encontra no Canadá em companhia de seu marido Snr. Augusto Amaro Antunes, nosso estimado assinante.

Seus Pais desejam-lhe muitas felicidades e uma longa vida em companhia de seu marido.

Aniversário

Completa hoje, dia 10, 62 anos o Senhor Abílio Gonçalves, ilustre proprietário da freguesia de Goães e cabo, aposentado.

O digníssimo sexagenário é pai de uma família numerosa, da qual faz parte íntegra a figura do Senhor João Alberto Gonçalves, nosso amigo e conterrâneo Feiranovense.

O venturoso aniversariante é um exemplar chefe de família que sempre se esmerou na educação moral e religiosa de seus filhos. Além disso, constitui um portentoso exemplo daquelas pessoas que se prezam de servir o Estado com extrema dedicação. Pelas suas inegáveis qualidades de um homem que sabe sobrepor-se no meio em que se respira, gosa de grande simpatia entre as pessoas que fôr ventura o conhecem.

Ao Senhor Abílio Gonçalves, desejamos-lhe inúmeras felicidades e múltiplos anos de vida, com uma juventude que ultrapasse o próprio tempo.

SÁ DE MIRANDA

(Continuação da 2.ª página)

vós, e seus pais e avós o foram, enquanto os vossos extranhos e não mais conhecidos.

E reparai bem como falais na minha presença, que não gosto de ouvir, nem por graça, coisas que podem redundar em graça.

Ficou suspenso aquele cavaleiro e, com as fracas razões que pôde, tratou de desculpar-se. Porém, de muito pouco lhe valeram, que por muito tempo caiu na desgraça do Infante.

Também a este respeito Gil Vicente não passou sem vibrar mais esta ferroadada do poeta:

Bofa; vejo eu Portugueses da corte muyto alterados *mais propincos dos arudos* que parentes dos Menezes.

Ele era parente dos Sá Menezes que então viviam na cidade do Porto.

Miranda enfrentou esta corrente com todo o poder dos seus versos inspirados no culto tradicional do amor e fixação à terra, cuidadoso de mostrar a importância dos valores morais e materiais que ela representa, de honrar e dignificar a vida do campo com o seu próprio exemplo e dedicação.

Não lhe faltaram imitadores que pelos quatro cantos da terra minhota logo fizeram eco das suas canções e dos seus poemas em louvor dos rios e das fontes, do sabor dos frutos e das sombras das florestas, ambiente delicioso e atraente de poetas. Sá de Miranda Bernardim, Diogo Bernardes, António Ferreira, Andrade Caminha, D. Manuel de Portugal, Francisco de Sá de Menezes e outros correm parselhas no mesmo coro de exaltação e constituem a célebre Arcádia de Entre-Minho e Douro, no dizer de D. Carolina Michaëlis.

Impotentes seriam odas as razões para Sá de Miranda abandonar a corte, se ele verdadeiramente não sentisse a força de tão elevados preconceitos como são os endereçados a António Pereira, senhor de Basto «quando se partiu para a Corte co a casa toda».

Não me temo de Castela, donde inda guerra não soa; mas temo-me de Lisboa, que, ao cheiro desta canela, o Reino nos despovoa.

Estas terras e penedos fazem-se-vos vistas feas; já torceis o rosto às aldeas, direis dos vinhos azedos o que já disse Cineas.

Todavia há diferenças entre o de cá e o de lá; cá, nas mais das desavenças éreis mestre das sentenças; para onde is, outrem as dá.

A vossa fonte tão fria da Barroca, em julho e agosto (inda me é presente o gosto) quam bem que nos i sabia quanto na mesa era posto:

Ali não mordida a graça, eram iguais aos juizes, não vinha nada da praça, ali da vossa cachaça, ali das vossas perdizes.

Ali das frutas da terra, (que tem cada mês a sua) colhida em sazão cada ua, nunca o sabor à cor erra, nem ao nome de nenhua.

Oh! vida dos lavradores, se eles conhecessem bem as vantagens que tem, co aqueles santos suores que a si e ò mundo mantem, Tratando co a madre antiga que, de quanto em si recebe, (não entre engano ou má liga) singelamente se obriga a pagar mais do que deve!

Quando os antigos a alguém louvavam, não de senhor, nem de rico era o louvor, chamavam-lhe homem de bem, e ainda bom lavrador.

Ao reino cumpre em todo ele ter a quem o seu mal doa, não passar tudo a Lisboa, que é muito o peso, e com ele mete o barco n' água a proa. lembro-vos as vossas frutas, lembro-vos as vossas truitas, que andam já por vossas n' água,

Noutras estrofes apela para a memória de Viriato, pastor e montano, que saiu à peleja; do Cincinato romano, que largou o arado para acudir a Roma. Pastores e lavradores foram os protagonistas máximos da obra poética de Sá de Miranda.

Na carta a seu cunhado Manuel Machado de Azevedo, faz sentir aos seus antagonistas que continuava a ser o mais lídimo dos cortesãos:

No tempo dos reis primeiros era a corte nestes montes; vim beber de suas fontes, que há lá por baixo atoleiros que não tem barcas nem pontes.

Tudo são provas de que procurou o ambiente propício ao seu modo de ser. Foi beber dessas fontes as auras da poesia, para que ela corresse fresca e cristalina como as águas dos montes.

Na carta a seu irmão Mem de Sá, governador do Brasil e fundador da cidade do Rio, recorda-lhe a fábula do rato do monte e do rato da cidade e de modo admirável mette-se dentro dessa alegoria e desenvolve-a, onde de todo se mostra despreendido das formas materialistas do seu tempo.

—Minha segura pobreza, se chegerei a ver quando a ti torne? e esta riqueza, mal que todo o mundo preza, fuja, se puder, voando? Mal tomadas esperanças, a paga aqui não me tome; traças, que não abastanças, assaz vi das vossas danças: Deus me torne à minha fome!

Casou Entre-Homem e Cávado com D. Briolanja Machado de Azevedo dama da sua mais alta nobreza, irmã de Manuel Machado, senhor da dita terra e concelho.

O PRIMEIRO MARQUÊS de Montebelo, Félix Machado, explica no seu MEMORIAL como teriam começado as primeiras relações de amizade de SÁ DE MIRANDA com seu futuro cunhado MA-

NUEL MACHADO (bisavô do Marquês) e até a sua inclinação por D. BRIOLANJA.

Os MACHADOS foram senhores da vila da LOUSÃ, VILARINHO E PEDREGAL e tiveram aí sua casa por ficar mais perto da Corte, onde assistiam em muitas ocasiões, e frequentarem os estudos de Coimbra.

Já nos bancos da escola teria começado esse bom entendimento de Manuel Machado e seus irmãos com SÁ DE MIRANDA—bom entendimento que depois se apertou pelos laços da família.

Dá o marquês ao que assevera todas as cores da naturalidade; porque foi achado em algumas falsidades no que escreveu, escritores mais modernos passaram a dispensar-lhe menos crédito.

Entretanto, na «Carta de SÁ DE MIRANDA a seu irmão Mem de Sá, onde começa a formosa descrição do «rato do monte e do rato da cidade» parece haver aí uma certa alusão a confirmar o que fica dito:

«Um rato d'ua cidade tomou-o a noite por fora, (quem foge à necessidade)? LEMBROU-LHE A VELHA AMIZADE DOUTRO QUE I NO MONTE MORA.

Manuel Machado morava no seu solar ou castelo de Monte de Castro.

Concebeu e realizou o seu reino de arte e de poesia retirado do mundo—o ermitério da Tapada no sopé e abrigo do monte de S. Pedro-fins, tantas vezes invocado de modo vago e indefinido nos seus versos; monte íngreme e gigantesco, assinalado ponto de referência exposto a toda a parte por onde viveu até acolher-se a fundo da sua vertente virada ao sul. Feriu-lhe a sensibilidade poética—paragem de musas, o seu Olímpo.

Sousa Machado encurtou mui demasiadamente e permanência e domicílio na Tapada e pela razão de melhor justificar, incompreensivelmente, o seu trabalho, a todos os títulos valiosos, sob a designação de «poeta do Neiva».

Sá de Miranda vinculou o seu nome e da sua descendência àquela mansão. Humanamente era este o seu projectado anseio e nele perduraram os seus desígnios que colmilharam o fundo das nossas aldeias de solares da Renascença, na plenitude do fausto e da magnificência que seadivinha ainda nas próprias ruínas da passada grandeza.

Morreu em 1558. Não nos empecilham datas. Foi quinhentista. Viveu o ciclo áureo da história, o qual corresponde à sua idade. Colocou-se a distância para medir melhor e sem responsabilidade nela, a curva da inevitável decadência a que sacrificou o seu primogénito Gonçalo mandado à África a ter

Os Jornais a Crítica e o Analfabetismo

(Continuação da 1.ª página)

pensada a atenção que elas merecem, gostaria que todos sentissem ao lê-las, a mesma pulsação de Coração que eu sinto no momento que as escrevo! Mas embora a campanha contra o Analfabetismo venha desde estes últimos anos numa marcha asselarada, eu estou convencido que em Caniçada nem todos foram ainda instruídos!

Contudo não estou de todo triste, porque há já pelo menos três pessoas que eu tenho a absoluta certeza, que sabem ler.

O Digníssimo Pároco, A Sra. Professora e o Sr. Presidente da Junta.

Sim, êses não me resta a menor dúvida que sabem ler com certeza, são três membros infalíveis à instrução, e no mesmo tempo os salvaguardas d'uma freguesia; é nêles que estão os destinos da freguesia, sai dêles os brádos do seu povo de contente ou apadeido; e são êses brádos que depois de analisar e vistos, êles devem fazer chegar com o cumprimento das formalidades legais, às entidades máximas.

Contia-mos por isso nêles, e não lhes negá-mos o nosso apoio, para que assim todos em colaboração, possamos conseguir as nossas aspirações.

mão nas colunas do Império.

Sá de Miranda impõe-se aos interesses e fins desta Academia, à sua veneração no maravilhoso simbolismo das múltiplas figuras literárias que no teatro sério da sua obra se movimentam e lhe dão cor e vida.

Elas dão prova do que foi toda a actividade da vida e do pensamento do admirável Sá de Miranda.

Tome-se da referida «Carta» de Sá de Miranda a seu amigo António Pereira Marraque, senhor de Basto a eloquente expressão:

NARSINGA DAS TORRES D'OURO! em que alude á vida intensa e vertiginosa de Lisboa do seu tempo, e se descobre um simbolismo genérico e profundo, aplicável a todas as seduções de grandeza, de quantos narcotizados pelos perfumes do *nardo* oriental se sentiam afetados pela epilepsia das ambições e da insatisfação em suas terras e solares:

—Abandonas a casa antiga (da Taipa) e a torre ou fortaleza que foi o velho solar dos PEREIRAS—NARSINGA DAS TORRES D'OURO!

Mal SÁ DE MIRANDA advinhava que na ilustre Família dos PEREIRAS havia, em grande parte, encontrar a sua reabilitação, depois da desastrosa queda, a grande Causa da Restauração nacional.

—Deixas aos teus sobrinhos, onde és admirado e respeitado, és o «mestre das sentenças; e vais perder-te entre as multidões, anónimas, onde «outrem as dá»—Narsinga das torres d'ouro.

—Não vinha nada da praça, ali da vossa cachaça.

Prozelo

(Continuação da 3.ª página)

dos maiores exitos até à data, notando-se neste grande quantidade de bons e saborosos petiscos, mostrando assim o brio das mordomas.

À noite, terminaram as festividades por uma deslumbrante sessão de fogo preso. E assim todos estes atractivos fizeram deslocar a esta bela e encantadora freguesia milhares de forasteiros.

A grande colaboração e prestigioso auxílio que nos dispensou o nosso Reverendíssimo Pároco, muito contribuiu para o bom êxito das nossas festas, assim como o nosso íntimo amigo José Manuel Almeida Rodrigues, que na qualidade de tesoureiro soube da melhor maneira e na melhor ordem organizar todos os trabalhos, ajudado por um bom grupo de amigos e briosos rapazes. A todos os nossos intrínsecos parabéns.

Concluimos assim estas duas letras referentes às festividades de S.ta Filomena afim dos nossos queridos amigos e conterrâneos serem informados da maneira como decorreram as inesquecíveis festas de 1960.

Manuel Azevedo Tinoco

ali das vossas perdizes.

ali das frutas da terra. Vais ter «em troca manjares. Composições delicadas, Ceias imigas da vida, imigas más das fazendas. Cozas de tanto sabor para saberem tam mal!

NARSINGA DAS TORRES D'OURO!

—Peitos que sonhando andais, o muito não no troqueis por nadas, como trocaís.

NARSINGA DAS TORRES D'OURO!

—Jogareis? Oh! razão cega!

Mal se emenda é o jogo, antre os seus males maiores!

A tentação do Jogo... Narsinga das torres d'ouro!

—Como ua ave já vezada antes «foge à gaiola dourada!

Não te deixes inebriar pela «Narsinga das torres d'ouro!».

Ver lá (na cidade) Pasquinos desta terra cento a cento

Pretende-se e ver nesta passagem outra alusão directa às representações de Gil Vicente.

Refere-se a todas as irreverências literárias ou teatrais; à quebra de princípios religiosos e crentes, aprendidos no berço, mas que não raro e em meio de turbilhão das grandes cidades sofrem profanações e desvios por outras quimeras ou pelas formas do mais acentuado materialismo.

NARSINGA DAS TORRES D'OURO

O exemplo de Sá de Miranda, como as lições e os ensinamentos que dimanam da sua obra poética, são, ontem como hoje, coisas bem dignas da mais atenta meditação.

Tendo-se celebrado o quadringentésimo ano da sua morte, esta Academia presta homenagem à sua memória.

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 73

(CONTINUAÇÃO)

Carvalheira, e o de Cavenco pertencente a Sibões, têm, como se referiu, uma larga faixa natural em que a torrente se some *Pontido* ou *Rio Seco*. A cada passo, em ocasiões de grandes enchentes, aí se engolfam cabeças de gado de que nunca mais aparecem vestígios. É um medonho e indescritível sorvedouro.

Inútil seria convidar o homem das cidades a vir contemplar de perto e *de visu* estes cenários deslumbrantes da Natureza, mas um dia a arte moderna do cinema e da T. V. decidir-se-á a vir regista-las na película e levá-los à presença de quantos, sem se privarem de suas comodidades e conforto ou abandonarem os meios de habitual rotina em que decorre a sua vida, também têm o direito de apreciar, ao menos na tela estes documentários vivos de uma rusticidade e beleza incomparáveis. A surpresa equivalerá à de tantos cujos hábitos e vida, geralmente bem longa, se desenrolam neste circuito fechado de povoações alcandoradas por alturas quase inacessíveis, se num instante se pusessem em contacto com o deslumbramento de uma grande cidade. Saber como vivem satisfeitos nossos semelhantes no primitivismo das suas remotas tradições e costumes, também é um bom meio de tratamento e cura para tantos espíritos que só o nervosismo e a ânsia dos prazeres e gosos da terra flagelam a todo o momento.

Só umas pernas bem exercitadas abençoadas permitiram que a horas da canícula ardente destes últimos dias de Agosto, passando de covide, por carreiros de pé posto, através de leiras e veigas de milheirais verdejantes, em direcção à igreja de carvalheira que do alto domina um curiosíssimo trecho da ribeira de Homem, daí descesse quase a prumo por entre a espessura de carvalhedos que nem um raio de sol penetrava, por veredas toldadas de vegetação e humidade, a dar a sensação de uma frescura penetrante, topando no fundo do precipício com a dita ponte, raramente atravessada por viva alma.

Defronte erguia-se para o céu, medonha de trepar, a encosta de Brufe, verdadeiro contraste em sua asidês e segura com a contra-costa de Nascente; os troncos do mato calcinados pelo último queimada e postos em riste, tentavam amedrontar o irrandante, mas a escalada foi de vencida, não obstante a soalheira que escaldava as costas. Só os milhares de gafanhotos, que pululavam de entre as ervas resequecidas, deram por quem passava.

Torneando um lombo da serra já se depara com o lugar de Brufe, abrigado pelo que ainda dela havia de subir-se, e não é pouco. Dentro da povoação, os caminhos de calçada e pontelhas de pesadas lagens graníticas sobre os referidos cursos de água, ligam os dois pequenos aglomerados de casais à igreja e dão serventia às propriedades. Fora de seus limites, o rigor dos invernos transforma os caminhos em segueiros, concorrendo para o seu teimoso e persistente isolamento.

Os mais notáveis monumentos locais são os canastros ou espigueiros, todos guarnecidos de cruz nos topos, alguns com balaustres de pedra. Um relógio de sol em cada um dos lugares, e pertença de cada um dos maiores deles, dá as horas aos respectivos habitantes. No exterior das habitações, que dão a impressão das muralhas de antigas fortalezas, não há sinais de cal; mas no interior de algumas prova-se o cuidado pelo arranjo das suas dependências, e bom gosto.

Azeite e vinho não há por aqui: Deste último já se cuida da sua plantação; nas raras videiras e parreiras as uvas começavam nesta data a mudar de côr; o amadurecimento é tardio por virtude do clima. Há no entanto, que insistir na exploração deste precioso produto; de ano para ano amadurecerão mais cedo até completa aclimação.

Coisa extraordinária e de insinuante exemplo de previdência na administração e economia doméstica para estes tempos que tantos agricultores andam há muito a comer adiantado, é o caso que os lavradores de Brufe só por estas alturas de verão, depois de se assegurarem das promessas dos campos, se determinam a trazer as espigas da última colheita dos seus canastros às eiras; malhá-las e atulhar o milho nas caixas de castanho para durar até ao próximo Agosto.

É que nem lhes entra o gorgulho nos cereais nem a epidemia das falências que deu em terra ou em ruína por tanta outra parte com os mais ricos casais agrícolas.

(Continua no próximo número)

É uma verdade amarga... mas é preciso dizê-la

Continuação da 1.ª página

reconheça que há transeuntes que são por vezes culpados da sua própria desgraça, pois atravessam as artérias cidadinas ou simples estradas de qualquer modo, tantas vezes até por detrás de carros que estão parados, surgindo, assim, de improviso diante do condutor de outro carro em movimento que, evidentemente, não era obrigado a adivinhar que o imprudente lhe ia surgir ali mesmo, quase debaixo das rodas... criando mais um assassino e levando mais um cadáver para o cemitério. É uma verdade amarga. mas é preciso dizê-la!

Reunião do Conselho Municipal

Continuação da 1.ª página)

recendo querer significar que as parcas receitas desse tempo nada permitiam fazer. Os encargos da Câmara da subiram e a receita foi, o ano passado de 960 contos e este ano preve-se de 980 contos como consta do relatório, o que significa que não é o aumento de receita que permite realizar mais.

Foi-lhe explicado que é da boa administração da Câmara que surge a possibilidade de fazer, referindo que em duas obras em que as propostas davam 16.000\$00, por administração directa foram feitas por seis, como por administração directa é possível reforçar a linha eléctrica de Barreiros e quantas voltas e atitudes foi preciso tomar para que a estrada que vai iniciar-se para a ponte sobre o Homem não entre nas algibeiras municipais. Que será administrando desta forma que serão feitas todas as obras indicadas no plano se forem concedidas as participações.

Outros conselheiros pediram explicações que ao serem-lhe dadas terminavam por expressar a sua admiração pelo trabalho em profundidade e digno de amparo que o Município vem realizando ao mesmo tempo manifestavam a sua esperança em que finalmente possamos recuperar muito do tempo perdido.

No final o sr. Ortigão de Oliveira dirigiu ao senhor Presidente palavras de muita admiração e apreço dizendo da satisfação que lhe causará o plano de actividades e da muita estima em que o tinha.

O Conselho aprovou o plano e o orçamento findo o que foi encerrada a reunião.

Goães

Continuação da 3.ª página

nhor, António da Silva Pinhão, pelas felicidades dos noivos, para que a casa Baptista se torne cada vez maior e digna de louvor.

Finalmente, seguiu o cortejo de carros em direcção a casa do noivo onde foi servido um verde de honra.

Ao casal jovem as nossas felicitações.

Aniversários

No passado dia 2 do corrente passaram o seu aniversário natalício, a Senhora Amélia de Jesus Correia Peixoto e o Senhor Adelino António Antunes, proprietários este do lugar da Carredoura e aquele de lugar da Deveza.

Desejamos-lhe felicidades e que se repita numerosas vezes este dia.

Falecimento

No dia 3 p. p. faleceu nesta freguesia a Senhora, Augusta da Silva Fernandes do lugar da Gróva, pessoa de bons costumes deixando simpatia no nosso meio.

Desejamos-lhe a paz da sua alma.

C.

CANTIGAS À VIOLA

II

Não gostaram dos meus versos
Ou das expostas razões,
Os que, ao progresso adversos,
Não querem inovações.

Mas continuo a cantar
A branca lua em crescente,
Lâmpada acesa no ar
Que dá luz a toda a gente.

Gosto também de cantar
Da tempestade os açoites,
Mas com pena que o luar
Não brilhe todas as noites.

E canto ao som da viola,
Não ao som do rabeção,
Aquela luz que consola
E dissipa a negridão.

Canto mais a realeza
Que nem a todos seduz,
Da infinita tristeza
Duas lâmpadas sem luz.

Quem as vê ali de dia
Tem de certo a sensação,
Que de noite e por magia
Vão romper a escuridão.

Mas se tiver de voltar
Horas depois do sol-pôr,
Há-de espantado ficar
Por não lhes ver o fulgor.

Por isso eu digo e redigo
Aquilo que disse e fiz;
Agrade ou não o que digo
A quem não sabe o que diz.

Eu digo que são os alhos
Que dão gosto ao bacalhau;
Respondem-me que os bugalhos
São melhores com colorau.

Bem sei que estou a prègar,
Qual São João, no deserto;
Mas nasci p'ra criticar
Tudo que não bate certo.

Que não deixe aquilo assim
Nosso Ilustre Presidente,
Porque estas coisas... enfim,
Fazem cócegas na gente...

UEBRA

VENDE-SE

Prédio próprio para estabelecimento,
com rés-do-chão e primeiro andar, à face da
estrada que vai para Real, em hóptimo local

Ver e tratar

António de Almeida & Filhos

Lugar das Caldas

Termas de Caldelas

TRIBUNA DE PRADO

Congregação de N. Senhora do Alívio

No passado dia 21 de Agosto findo, realizaram-se no Templo do Alívio as cerimónias de admissão de novos congregados, que constaram do programa seguinte:

Dia 20—pelas 21,30-serão recreativo na escadaria do Templo, findo o qual se seguiu, no interior a hora de vigília, que terminou com a Bênção do Santíssimo, Sacramento.

No dia 21 (Domingo), pelas 10,30, principiavam, junto do Andor da virgem do Alívio, as cerimónias da admissão, este ano mais solenes com a presença dos Pais dos novos congregados, que, acompanhando seus filhos aos pés de Maria Santíssima, lhes entregavam a fita e emblema, ouvindo da boca dos seus próprios filhos o acto de Consagração que, em pergaminho, haviam escrito por seu próprio punho.

Cerimónia linda e comovente aquela em que, depois da Consagração, os novos congregados abraçaram seus Pais ou Padrinhos, bem como o Director e demais Dirigentes da Congregação.

Seguiu-se a Santa Missa, onde à homilia o R. do P. e Sequeira falou aos rapazes em geral, sobre o grande significado desta festa, aproveitando simultaneamente o ensejo para se despedir dos Pais dos congregados, uma vez que em 14 de Setembro partirá para terras de Espanha.

À comunhão, num feliz abraço com Jesus Eucaristia, Pais e filhos se abeiraram da Sagrada Mesa.

Assim terminara esta cativante cerimónia que, para a vida interior dos neo-congregados, será um marco bem

significativo do princípio duma nova vida.

Casamento Elegante

No pretérito dia 28 de Agosto findo, realizou-se na Igreja Matriz da vila de Prado, o enlace matrimonial da prendada menina Libânia Magalhães de Araújo, filha do conceituado comerciante desta Vila, Sr. Bernardino de Araújo e da Sra. D. Luísa de Magalhães, e irmã do Aspirante Miliciano Sr. José Magalhães de Araújo, com o Senhor José Ernesto Gonçalves da Silva, Dig. mo Escriturário-Chefe da Firma M. Moura & C.ª de Braga, filho do Sr. Pedro da Silva e da Sra. D. Alexandrina Baptista Gonçalves, e irmão do nosso colaborador Sr. Domingos da Silva Gonçalves.

Paraninfirmaram pela noiva a Sra. D. Aurora Antunes Coelho, e pelo noivo o Sr. Dr. Lucíolo Andrade Coelho.

Findas as cerimónias do casamento, o cortejo nupcial, composto por 24 luxuosos automóveis que transportavam à volta de uma centena de convidados, entre os quais figuravam pessoas da melhor condição social dos Concelhos de Vila Verde e Braga, dirigiu-se para a residência da Noiva, onde foi servido lauto banquete confeccionado pela conhecida casa «ESCONDIDINHO» de Braga.

Aos brindes, falou o Senhor Martinho Moura, que enalteceu as apreciadas qualidades do seu mais categorizado funcionário.

Aos Gentis Noivos, «Tribuna Livre» apresenta votos de Felicidades numa longa vida.

Gota d'Orvalho

TRIBUNA DE VIEIRA

Carta de Ruivães

Causa arrepios o que se está a passar no Congo Belga, —que Deus haja!

Os amotinados, revelam-se contra a Bélgica, que arrancou, à custa de muitos sacrifícios, aqueles povos à barbárie, e estes, armados até aos dentes pelo comunismo, chacinam os brancos que lá se instalaram, usando de um direito legítimo, abusam das mulheres, trucidam crianças, apoderam-se de haveres, em obediência cega e dementada ao Kremlin e seus comparas.

A Onu intervem para manter a ordem e proteger as vidas dos que nada têm com a anarquia embravecida.

E como são recebidas as forças da Onu?

A tira e à fauda.

Os soldados de ordem são agredidos e assassinados pelas hordas inconscientes e semi-selvagens.

E o que fazem os soldados das Nações Unidas, em face de tão irritantes povoações?

Convocam-se, para se deliberar o que têm a fazer.

O grande erro está precisamente nisto.

Os soldados da Onu são desacatados, provocados, insultados, agredidos, por conselho e ordem da Rússia?

Pois a força corresponde-se com a força, fazendo pagar olho por olho, dente por dente, todos os actos atentatórios da missão nobre e humana que as tropas da Onu ali pretendem desempenhar, mas isto em alto contínuo a qualquer provocação, parta ela de onde partir.

Esta viscosidade que emperra e demora a acção dos ocidentais, só redundam em

desprestígio para estes.

No Congo Belga, ha muita gente que não vai nas propagandas fomentadas da Rússia.

Porque se não armam esses elementos da ordem, porque se não enquadram nas forças da Onu, e porque se lhes não distribuem munições e dinheiro, a fim de poderem cooperar com quem pretende evitar a anarquia?

Se os ocidentais viam que o seu papel, no território insubordinado havia de ser o da expectativa, então que se deixassem estar em casa, porque, pelo menos, evitavam o ridículo.

A Rússia sente-se com força, para intervir em tudo aquilo que lhe não diz respeito? Pois a força responde-se com a força, mas sem hesitações, que apenas servem para desprestijiar a Onu.

Ou a Rússia quere a guerra, ou não a quere.

Se a quere, não há meio de ser evitado; e, nesse caso, aceitemos o resto, no campo em que ela o quiser por.

Se não a quere, e estamos convencidos os que, para já, ela a não quere, —saibamos enfrentar de acontecimentos com decisão, estabelecendo uma barreira firme em que ela esbarre.

Calcule-se que até já o Kremlin se quere arrogar o

direito de intervir na política das Américas, como acaba de se constatar em Cuba!!

Detestamos, a guerra, e muito menos a guerra do século XX, com todo o cortejo de destruições, e atentados.

Em nome da civilização e da liberdade, compurca-se a honra das famílias, calca-se e espesinha-se a justiça, eliminam-se as vidas, saqueiam-se os lares, e não ha-de haver quem faça frente a essa onda de preversão e de latrocínio —chamemos-lhe assim— dando aos bons a paz que almejam, e aos maus o castigo que merecem?

A época das papas de linhaça acabou, ou tem de acabar.

Nunca fomos covardes, felizmente.

O que sentimos, dissemo-lo sempre com desassombro.

É, pois, necessário que a transigência não se transforme em subserviência.

Temos uma civilização a salvar, que nos foi legada pelos nossos maiores e está na nossa mão defendê-la com todas as energias ao nosso alcance.

Saibamos ser católicos e saibamos ser cidadãos livres!

Não queiramos a liberdade daqueles que apenas vivem da tirania!

Abaixo, pois, o império moscovita!

Ruivães,

A madeu César

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
MODELAR

Telefone 62113

Amores

Castro de Carrazedo

por Domingos M. da Silva

- 16—João Maria de Sousa, nasceu a 8 de Abril de 1857; casou no Brasil, em 1877 — Julho — com D. Jacinta de Oliveira, sobrinha do Barão de Santa Fé. Depois de viúva, casou com o coronel Ladislau Guedes. Morava na Fazenda da Barrera, em S.ta Cruz da Lapa, Est. do Rio. Faleceu em 1933.
Tiveram do 1.º casamento:
- 17—D. Ana de Sousa Oliveira, nasceu na Fazenda da Boa-Esperança, Est. do Rio, a 23-4-1882; casou em 11-2-1907, com Gabriel Rosa Oliveira que nasceu a 19-3-1882.
- 18—Maria da Glória de Oliveira nasceu a 20-12-1907, no município da Parada do Sul; casada a 26-4-1933 com Wether Barbosa Cordeiro, e tiveram:
- 19—D. Teresinha de Oliveira Cordeiro, nasceu a 14-6-1934, em S.ta Rosa, Est. do Rio, casada com Júlio Alor de Carvalho.
- 19—Lélia Aparecida de Oliveira Cordeiro, nasceu a 16-11-1937, na Fazenda de Iracena Andrade Pinto, casada com o Tenente João Bertolucci, em 28-12-1957, com geração.
- 19—Ary Afonso de Oliveira Cordeiro.
- 19—Waldemar de Oliveira
- 19—Werther José de Oliveira
- 18—João de Sousa Oliveira, nasceu a 29-12-1910, no município de S.ta Teresa; casou a 14-10-1936 com D. Esmeralda Guedes Cavassoni, nascida a 1-6-1916, em Volta Redondo, filha de Massiniano Augusto Paulo Cavassoni e Maria Lurdes Cavassoni, residente em S.ta Rosa de Flores, Est. do Rio, com geração.
- 18—Sebastião Sousa de Oliveira, nascido a 8-6-1913; casou a

15-2-1938 com Hossana Guedes Cavassoni, com geração.

- 18—José de Sousa de Oliveira, nasceu a 16-1-1921.
- 17—António de Oliveira e Sousa, morador em S.ta Ana da Lapa, Est. do Rio; nasceu a 13-3-1886 e casou a 26-4-1915 com Honorana Almada, nascida a 1-2-1889 e faleceu em 30-10-1957. Tiveram:
- 18—Guilherme Almada de Sousa, nascido a 25-6-1923 na Fazenda da Boa-Esperança, Est. do Rio. Casou a 19-7-1943 com D. Conceição Crispim e tiveram:
- 19—José António Crispim de Oliveira, nasceu a 19-1-1947 no Município da Parada do Sul.
- 19—Celso Crispim de Oliveira, nasceu a 14-4-1948.
- 19—Marlene Crispim de Oliveira que nasceu a 23-4-1950.

§ 5.º

- 16—António Maria de Sousa Lobo, casou com D. Teresa Rodrigues da Veiga, filha de Francisco Xavier Rodrigues, natural de Lanhas (Vila-Verde) e de D. Maria Joaquina da Veiga, de Rendufe, e tiveram:
- 17—José de Sousa, no Brasil.
- 17—D. Libânia de Sousa, casada, em 23 de Out. de 1927 com João Francisco Pinheiro Vidal, moradores na quinta da Faia, em Rendufe, com geração:
- 18—D. Maria Ilídia de Sousa Vidal
- 18—D. Teresa Ilídia de Sousa Vidal
- 17—Manuel Augusto de Sousa, casado com D. Adelina Augusta Peixoto de Lemos, filha de Joaquim de Lemos e de D. Teresa Vieira Peixoto, em Rendufe e com geração.

§ 6.º

(CONTINUA)